

6 poemas de

Paulo Franchetti

[Deste lugar. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012]

OS QUE amaram antes
e os que ainda vão amar;
os que andaram nas ruas
e os que cruzaram os campos;
aqueles que tiveram a sorte
e aqueles que apenas desejaram;
os que ouviram as palavras
e os que não as disseram;
os que já morreram
e os que estão por nascer:
com todos me irmano
neste momento, repleto
e vazio de mim mesmo.
A todos estendo o pensamento,
e em segredo convoco:
eu, que não sou nada, apenas
aquele que o amor agora habita
e agita e faz falar.

FIQUE NESTE registro o excesso,
o que não tem lugar
sob o céu de agora.
Ponta de rocha
coberta de limo
no meio do rio:
a glória sagrada dos corpos,
a carnal flutuação do espírito
e o que sequear, neste instante,
pode ser preso
na rede de palavras.

ELA ME diz: escreva
um poema alegre.
Aqui estamos – diz – os dois,
e a praia e o mormaço
abraçam.
Olho para as árvores,
o seu verde espesso.
Depois para as crianças
que rolam na areia, e digo:
sim, eu creio
que poderia escrever
um poema alegre.

QUE A minha mão seja dada ao esquecimento,
e a minha língua se enrole na boca, dizendo
apenas as palavras ordinárias,
que o meu sexo fique pendendo
como um enforcado e os meus olhos
rolem soltos sobre o chão.

Que eu não possa
encontrar refrigério, nem as pernas me levem
além deste lugar escuro, se aqui
eu me esquecer um dia
de ti, daquilo que nos rodeou, quando
estivemos em glória e vencemos, por instantes,
o fluxo da morte.

Se eu me esquecer de agradecer, odiar,
ansiar pelo jardim
onde a árvore floresce
e a vida eterna é uma lenda.

Este outro deus, sem nome: escondido,
sussurrando, desde o fundo do tempo,
a promessa real – o sem fim no que termina,
o fim de tudo que não seja luz,
transbordamento, encontro.

Que estas palavras sejam de outro
e fique a minha voz para sempre
engolfada na garganta, se eu
um momento me esquecer
de ti.

QUANDO CHOVE, os cavalos
não comem,
não andam.
Abertos, brilham,
sob os fios de chuva,
os seus grandes olhos pretos.
O horizonte se esconde.
As maritacas gemem no meio da folhagem.
Nenhum chamado.
Penso, volto atrás, penso outra vez.
e fico, com um gosto amargo na boca,
olhando a água que desce do beiral.

PODERIA SER apenas isto:
o bambu cresce para o sol,
os brotos incham com a seiva
sob as folhas novas.
O olho do céu não vê,
a carne vegetal não sabe.

Mas eis que rostos sem corpo –
minha mãe, meu pai, quem mais? –
me fitam do fundo do sono.
A noite passa, seu olhar perdura.
E sobre para mim
como um grito.

Paulo Franchetti é professor titular do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É mestre em Teoria Literária pela Unicamp (1981), doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (1992) e Livre-Docente pela Unicamp (1999). Atua na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Brasileira dos séculos XIX e XX e Literatura Portuguesa do século XIX. Desde 2002, dirige a Editora da Unicamp, cujo Conselho Editorial preside. É autor, entre outros, de *Alguns Aspectos da Teoria da Poesia Concreta* (Editora da Unicamp, 1989); *Haikai – Antologia e História* (Editora da Unicamp, 1990); *Nostalgia, Exílio e Melancolia – Leituras de Camilo Pessanha* (Edusp, 2001); *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa* (Ateliê Editorial, 2007); *Oeste/Nishi* (haicais, Ateliê Editorial, 2008); *Deste Lugar* (poemas, Ateliê Editorial, 2012).